

“Para mim, o maior desafio do Clui é o tal “ajudar a olhar”ⁱ, especialmente com a dupla supervisão de pessoas que vêm de realidades tão distintas. Não é uma supervisora mais experiente que ajuda outra supervisora a olhar, não são as supervisoras que ajudam estudantes a olhar. A junção de diferentes, reunindo estudantes, supervisoras e pessoas envolvidas em uma política pública viva, com seus desafios, avanços, dificuldades, cores, sons, cheiros, que nos fazem a todos ver uma coisa que antes não víamos. É o conjunto que nos “ajuda a olhar”.

Se para quem é estudante a grande surpresa é ir a campo para conhecer uma política pública, a supervisão para mim significou ir a campo acompanhando alguém numa visita, sem fazer a pesquisa por este alguém. Estamos juntos, mas não somos nós os pesquisadores. Respeitar os processos e as decisões de estudantes que acompanhamos é um grande aprendizado para outras orientações, e não só do mundo acadêmico. Além disso, a dupla supervisão significa que não é só a minha companhia, o meu olhar, o meu jeito de fazer as coisas que será referência neste acompanhar. A outra pessoa que também supervisiona tem uma história diferente, uma trajetória distinta, outras maneiras de fazer companhia. E todos aprendemos com esta multiplicidade, inclusive os que nos recebem para conversar sobre o que vivenciam em seu cotidiano ao notar que há diferentes maneiras de o tal “mundo acadêmico” se aproximar daquilo que é vivido ali.

Embora ninguém possa de fato ajudar um outro alguém a apreender a maravilha que é ver o mar, pode, sim, sugerir maneiras de estar contra ou a favor do vento de modo que a areia não entre nos olhos, ou chamar a atenção para a variedade de tons que há no mar, ou, ainda, para o tanto de coisas que as ondas deixam na praia, para os sons, para a possibilidade de entrar na água sem se afogar, dar a mão para ultrapassar a arrebentação.

ⁱ A função da arte, de Eduardo Galeano, in Livro dos Abraços: “Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta imensidão do mar, e tanto seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: - Me ajuda a olhar!”